



COMPLEXITAS REVISTA DE FILOSOFIA TEMÁTICA - ISSN: 2525-4154
Ed. 2023, V8, n 01

**RELAÇÃO MUNDO-LINGUAGEM ESTABELECIDADA POR VICO E
WITTGENSTEIN: SOBRE A DIFERENÇA DO STATUS DE POSSIBILIDADE
DE SENTENÇAS ÉTICAS DOTADAS DE SENTIDO**

51

*World-Language Relation Established by Vico and Wittgenstein: On the Difference in
the Status of Possibility of Ethical Sentences Endowed with Meaning*

*Espanhol: Relación Mundo-Lenguaje Establecida por Vico y Wittgenstein: Sobre la
Diferencia en el Estado de Posibilidad de las Oraciones Éticas Dotadas de Sentido*

Recebido: 26/06/2023 | Revisado: 30/08/2023 | Aceito: 29/08/2023 | Publicado:
setembro/2023

Antônio Pedro de Souza Dias
Graduando em Filosofia na UFPA
<http://orcid.org/0000-0002-5621-9111>
E-mail: antonioidias.tp@gmail.com

Antônio Sergio da Costa Nunes
Doutor em Filosofia
Docente da UFPA
ORCID: 0000-0002-9806-4437
E-mail: runiz@uol.com.br

Resumo: Vico e Wittgenstein apresentam concepções diferentes a respeito da relação entre linguagem e mundo. Essa diferença resulta no modo como julgam a possibilidade da ética ser tratada dentro da linguagem, portanto, de possuir sentido. Enquanto Wittgenstein, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, apresenta uma concepção da relação linguagem-mundo pautada no isomorfismo da forma lógica das sentenças com a forma lógica dos fatos, Vico, na *Ciência Nova*, a concebe por meio das experiências e condições de existência humanas, na qual a linguagem diz do mundo através de relações metafóricas que estabelecem ligações entre o diverso. Por conta disso, o primeiro julga que sentenças éticas seriam desprovidas de sentido, pois não refletem a forma lógica de fato algum. Já o segundo, ao notar que elementos como as fábulas contribuem para dispor os homens favoravelmente para a vida civil, julga que cumprem efetivamente uma função ética.

Palavras-chave: Ética; Relação mundo-linguagem; Sentido.

Abstract: Vico and Wittgenstein present different conceptions regarding the relationship between language and the world. This difference influences how they assess the possibility of ethics being addressed within language and, consequently, having meaning. While Wittgenstein, in *Tractatus Logico-Philosophicus*, conceives of the language-world relationship based on the isomorphism between the logical form of sentences and the logical form of facts, Vico, in *New Science*, conceives it through human experiences and conditions of existence, where language speaks of the world through metaphorical relations that establish connections among the diverse. As a result, the former judges that ethical sentences would lack meaning as they do not reflect the logical form of any fact. In contrast, the latter, upon recognizing that elements like fables contribute to predisposing individuals favorably for civil life, judges that they effectively fulfill an ethical function.

Keywords: Ethics; World-language relationship; Meaning.

Resumen: Vico y Wittgenstein presentan concepciones diferentes sobre la relación entre el lenguaje y el mundo. Esta diferencia influye en la forma en que juzgan la posibilidad de tratar la ética dentro del lenguaje y, por lo tanto, de tener sentido. Mientras que Wittgenstein, en el *Tractatus Logico-Philosophicus*, concibe la relación lenguaje-mundo basada en el isomorfismo de la forma lógica de las oraciones con la forma lógica de los hechos, Vico, en la *Ciencia Nueva*, la concibe a través de las experiencias y condiciones de existencia humanas, donde el lenguaje habla del mundo a través de relaciones metafóricas que establecen conexiones entre lo diverso. Como resultado, el primero juzga que las oraciones éticas carecerían de sentido, ya que no reflejan la forma lógica de ningún hecho. Por otro lado, el segundo, al reconocer que elementos como las fábulas contribuyen a predisponer favorablemente a los individuos para la vida civil, juzga que cumplen efectivamente una función ética.

Palabras clave: Ética; Relación mundo-lenguaje; Sentido.

Introdução

A preocupação em tratar da ética é um fator recorrente para aqueles que se propõem a pensar a vida em sociedade. Nessa pesquisa, propomos comparar a visão de dois filósofos, a de Vico na *Ciência Nova* (2005) e a de Wittgenstein no *Tractatus Logico-Philosophicus* (2020), sobre o tema – especificamente sobre a possibilidade de se elaborar algo como um discurso ético dotado de sentido¹.

¹ No caso de Wittgenstein, sentenças significativas são aquelas em que seus elementos reproduzem a configuração dos elementos de um fato. E como não há algo como fatos éticos, uma sentença que pretenda dizer algo a esse respeito é uma combinação de elementos sem respaldo e, portanto, é destituída de sentido (MORENO, A. R. *Wittgenstein: os labirintos da linguagem: ensaio introdutório*. ed.1, reimp. 2. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 2000, p. 16-19, p.33-36). Por sua vez, Vico aponta o caráter

A forma como cada um entende a relação entre mundo e linguagem influi diretamente no que cada um considera possível objeto de conhecimento e qual caráter possuiria um discurso sobre aquele objeto. Wittgenstein², ao tomar como proposição somente as sentenças que espelham fatos presentes no mundo, rejeita a ética enquanto discurso significativo, dado que não se encontram seus elementos no mundo.

Vico³, por sua vez, vê a relação de significação da linguagem a partir da experiência humana com o mundo. Em vez de seguir relações estritas de figuração, a linguagem se apoia na capacidade metafórica de estabelecer relações de semelhança entre o diverso. Ao realizar uma análise da história humana, nota que mitos e fábulas surgem como esforço para compreensão do mundo e de si, e são necessárias para o estabelecimento de regras, valores e costumes favoráveis à vida civil. Cumprem, portanto, função ética.

No decorrer da análise, notamos dois fatores para a divergência dos autores sobre a possibilidade de um discurso ético: a concepção sobre a natureza da linguagem e a concepção da natureza da ética. A primeira se faz visível a partir da visão estrita de Wittgenstein sobre o significado e a visão de Vico, pautada na fantasia e verossimilhança. A segunda pela compreensão do austríaco, da ética enquanto universal, enquanto o napolitano a toma a partir das necessidades e condições particulares de cada povo.

Considerando a frequência com que a ética é um objeto de preocupação humana e como as concepções adotadas influenciam diversos projetos e ações (como modelos educacionais, por exemplo) acreditamos que a abordagem do tema proposto pode apresentar reflexões úteis para aqueles que se propõem a pensá-la.

Justificativa

Vico e Wittgenstein são representantes de duas concepções diferentes da relação entre mundo e linguagem⁴. Uma das consequências dessa diferença é o que cada um julga como objeto possível do pensamento. Tratamos aqui da proposta de investigar o contraste

significativo de um discurso ético através da função civil que ele cumpre: por direcionar a disposição dos homens de forma favorável à vida coletiva. Por exemplo, as fábulas de um povo cumprem função ética ao passo que trabalham nos homens valores favoráveis à vida em sociedade. Nesse caso, também há uma ligação entre sentenças e mundo, mas ela se dá através de uma conexão íntima com a existência humana (NUNES, A. S. C., *A arqueologia da linguagem em Giambattista Vico*. 2009. 164 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2009, p.27-30).

² A visão de Wittgenstein é esclarecida na seção *um breve panorama*.

³ A visão de Vico é esclarecida na seção *um breve panorama*.

⁴ No *Tractatus*, Wittgenstein define a relação mundo-linguagem como uma correspondência exata entre a ligação dos elementos da proposição e a relação entre os elementos do fato ao qual ela se refere (MORENO, op.cit.). Por outro lado, Vico define a relação entre mundo linguagem através de relações metafóricas que os humanos conseguem estabelecer entre o diverso, capacidade essa fundamentada na experiência humana e na imaginação, que os permitem traçar tais ligações (NUNES, op. cit.).

entre essas concepções ao se pensar a ética e da possibilidade de uma ética poiética a partir de Vico.

A ética ocupa um lugar central nas discussões sobre a sociedade: há dezenas de séculos há um grande esforço empregado em torno da formulação de um sistema ético. Tal sistema apontaria um norte, um ideal, capaz de dar conta dos requisitos da vida coletiva.

Um diferencial da crítica de Wittgenstein a pretensão de uma sistematização da ética é que ela não se centra em um questionamento da natureza humana, por exemplo, se ela seria ou não racional, mas em um questionamento da possibilidade de a linguagem comportar algo como proposições éticas. Wittgenstein (2020) aborda os limites do pensamento, e, portanto, do conhecimento possível a partir de um tratamento lógico da linguagem. Considerando os limites para declarações que pensem e digam algo do mundo as sentenças das ciências naturais (WITTGENSTEIN, 2020, 4.11), ele demarca, a partir de uma abordagem lógica e, portanto, racional, pontos além da capacidade de pensamento.

Dentre esses pontos, está a ética, cujo valor, apesar de reconhecido pelo filósofo austríaco, é posta fora da capacidade significativa da linguagem (WITTGENSTEIN, 2020, 6.41-6.421). Ele defende essa posição através do argumento de que a linguagem significativa é apenas aquela que reflete fatos do mundo, e, portanto, a ética, cujos elementos não são fatos do mundo, seria um discurso desprovido de sentido. Portanto, não se trata de uma crítica a tentativa de sistematizar a ética baseada em questionamento da sociabilidade humana, mas de uma descrição meticulosa dos limites da racionalidade através da análise lógica da linguagem, que exclui a ética, enquanto elemento integrante do Espaço Lógico (*logische raum*).

Por sua vez, Giambattista Vico (2005) empregou grandes esforços defendendo a importância das discussões de caráter ético (SANTOS, V.C., 2003). Não através de uma abordagem lógico-racional, mas das aproximações características da verossimilhança, contemplando a variedade e inexatidão intrínsecas à existência humana. Ao contrário da concepção cartesiana predominante em seu tempo, ele defendia que a origem do conhecimento não se dava através da exatidão, do *verum*⁵, mas da verossimilhança do *certum*⁶. Dentre suas críticas ao cartesianismo⁷, está como o caráter demasiado estrito do método impedia a reflexão sobre vários aspectos da vida humana, incluindo a ética.

Em oposição às tentativas de fundar o conhecimento em um princípio alheio a experiência, Vico a toma como elemento central. Nessa linha, a gênese da relação entre

⁵ "[...] pela definição do verdadeiro e do certo acima proposta, os homens, durante muito tempo, não puderam ser capazes do verdadeiro e da razão, que é a fonte da justiça interna, com a qual se satisfazem os intelectos [...]". VICO, op. cit., § 350, p. 187-188. Nesse trecho, Vico aponta que o desenvolvimento da razão é tardio e é precedido pela relação poética.

⁶ *Verum* e *certum* dizem respeito a duas modalidades de verdade. A primeira é exata, referente ao precisamente *verdadeiro*, a segunda diz respeito a aproximação, conta com o caráter *certo* da verossimilhança.

⁷ Comentamos brevemente a relação de Vico com o cartesianismo mais adiante, na seção *um breve panorama*.

mundo e linguagem se dá através das experiências vivenciadas pelos humanos. A sensibilidade atua como porta de entrada para os fatos, que nesse contato direto desencadeiam manifestações por parte dos humanos que, assim, os expressam (NUNES, 2009). Ao refletir sobre a história dos povos, notou como as circunstâncias que envolveram cada um foram fundamentais para seu desenvolvimento, incluindo suas línguas, costumes e atividade civil (VICO, 2005). Desse modo, as formulações que cumprem papel ético encontram respaldo na história de cada povo.

A partir das diferenças apontadas entre os autores, podemos perceber como possuem pontos de vista bem diversos sobre a possibilidade de um discurso ético dotado de sentido. Considerando a recorrência das reflexões éticas na filosofia, essa pesquisa se insere num relevante campo de discussões e seu desenvolvimento pode apontar alguns caminhos de reflexão a partir da análise sugerida.

Um breve panorama

Como abordado anteriormente na seção de justificativa, Vico e Wittgenstein possuem visões bem diferentes sobre a possibilidade do discurso ético. Na presente seção, realizamos um breve apanhado sobre indícios do tema presentes nas fontes primárias, comentários existentes sobre a relação de cada um com o discurso ético e traçamos algumas considerações.

No geral, ao falarmos em lógica e, portanto, no tratamento lógico de problemas, temos em mente os paradigmas relacionados à lógica clássica ou aos sistemas que compartilham o compromisso da exatidão. Dentro de tais sistemas há a bipolaridade da proposição, que afirma que uma proposição só há dois valores de verdade possíveis: ou uma proposição é verdadeira ou é falsa, não há um terceiro termo ou valores intermediários - aproximados - de verdade ou falsidade⁸. Portanto, questões que são geneticamente imprecisas tem uma inadequação intrínseca a esses sistemas, dado que não satisfazem os requisitos de exatidão impostos por eles.

Para Wittgenstein, que representou o ápice do positivismo lógico, e, portanto, o ápice do conhecimento baseado na exatidão, quaisquer sentenças envolvendo o fundamentalmente incerto só poderiam resultar em discursos vazios de sentido. Para ele, qualquer proposição legítima poderia ser esclarecida, de modo que aquelas que resistissem a esse processo ocultariam falhas de formulação. A falta de clareza e precisão era muito mais uma consequência de equívocos linguísticos que um indício da profundidade do tema: “O livro trata dos problemas filosóficos e mostra - creio eu - que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem.” (WITTGENSTEIN, 2020, p.125).

⁸ Manuais de lógica clássica tipicamente apresentam os princípios de identidade, contradição, terceiro excluído e podem ser consultados para um eventual esclarecimento. Outra opção é a consulta dos termos por meio de um dicionário filosófico.

Seguindo essa linha, temas como a ética têm a característica de não serem resolvidos através de abordagens análogas às ciências naturais⁹. Dado que ao invés de resultarem em enunciados precisos que se referem a elementos bem delimitados, mas capazes de dar conta desse restrito conjunto, a ética pretende tratar de uma totalidade, sem nunca fazê-lo de maneira satisfatória, uma vez que as leis formuladas não descrevem fatos do mundo.

Sentenças dessa natureza, incapazes de figurar algo de forma precisa, mesmo que recebessem um tratamento analítico, são contempladas pela seguinte afirmação de Wittgenstein “o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 125). Pois toda formulação fora da capacidade referencial da linguagem que ainda assim, pretende dizer algo do mundo, só geraria um aglomerado de enunciados carentes de significado (MORENO, 2000, p.16-19).

Apesar das grandes disparidades existentes entre Wittgenstein e Descartes, que não serão objeto da presente pesquisa, apontamos um ponto de encontro: ambos adotaram uma posição sobre conhecimento pautado no *verum* e encontraram-se diante da impossibilidade de discutir ética. Pois como o não-exato é tomado como gerador de ambiguidades, eles defendem que o melhor procedimento é não traçar investigações neste domínio.

Mas, precisamente por seu método descartar questões não-exatas, Descartes logo notou que aspectos da vida prática seriam comprometidos. Pois se todos levassem o método às últimas consequências, a sociedade humana ficaria paralisada na *suspensão do juízo*, já que no dia a dia existem diversas situações que exigem posicionamentos e ações sem que haja condições para uma análise completa. Para evitar tal paralisia, ele lança mão da *moral provisória* (DESCARTES, 1996. p. 27-36), uma forma de permitir a tomada de decisões em meio às incertezas.

As consequências epistemológicas e éticas desse nível de restrição motivaram Giambattista Vico a se tornar um ferrenho opositor dele. Dentro do campo epistemológico, criticava como a total exclusão da fantasia era prejudicial ao processo investigativo, uma vez que os próprios cientistas recorrem a ela para construir modelos explicativos, experimentos e traçar relações entre estes e a natureza (NUNES, 2009, p.77).

Para o campo ético, a desvalorização de habilidades retóricas e da reflexão verossímil acarretavam a diminuição de competências salutares para a vida social (SANTOS, V. C., p.1281-1282). A ênfase no método cartesiano era acompanhada da falta de preparo para lidar com a vida social, negligenciando, por exemplo, o cuidado em adequar o estilo de um discurso para alcançar melhor um dado público, fosse para evitar conflitos desnecessários ou tornar o conteúdo mais acessível.

⁹ As ciências naturais são tomadas como caso que efetivamente descreve fatos do mundo. Questões que não são resolvidas através delas são de um domínio lógico não-empírico, ou seja, caso tentem dizer algo do mundo, são uma tentativa de empregar a linguagem além dos limites dela (WITTGENSTEIN, 2020, 4.11, 6.53.)

Além desse aspecto mais cotidiano, existem também consequências de ordem mais geral, dado que o modelo de conhecimento exato não contempla a variedade da existência humana. Por conta disso, reflexões sobre a sociedade e a vida civil eram marginalizadas simplesmente por não se adequarem ao método.

Notando esses problemas, a abordagem de Vico contrapõe-se a ela, iniciando o processo do conhecer através do verossimilhante, do *certum*. Valorizando a fantasia como capacidade de estabelecer ligações entre o diverso e abrindo espaço para reflexões em campos pertencentes a ordem da aproximação.

Nas próximas seções, apresentamos mais detalhadamente a relação entre mundo e linguagem concebida por Wittgenstein e por Vico, o modo como elas afetam a possibilidade de conhecimento e, por fim, as implicações para o discurso ético.

Relação mundo-linguagem

Tanto Wittgenstein como Vico apontam uma relação entre fatos e linguagem, mas a forma como essa relação se dá é diversa a partir do alicerce. Wittgenstein aponta uma relação isomórfica entre a estrutura dos fatos e a estrutura da linguagem. Vico, por sua vez, aponta a relação entre fatos e linguagem através da história humana¹⁰, suas experiências, sua vida.

Relação linguagem-conhecimento em Wittgenstein

Segundo a lógica clássica, os tipos de questões que podem ser tratadas em proposições são limitados àqueles passíveis de serem identificados ou como verdadeiros ou como falsos. E essa identificação é exata: não há valores intermediários, graus de verdade entre o falso perfeito 0, e o verdadeiro perfeito, 1.

Logo, quaisquer questões as quais não possam ser enquadradas dentro da exatidão bipolar ou V ou F, não são consideradas sentenças possuidoras de valor de verdade (ou seja, não são proposições dotadas de sentido). Dessa forma, não podem ser classificadas como forma positiva de conhecimento, a única forma de tratá-las seria fora do espaço lógico, portanto uma forma desprovida de sentido.

Wittgenstein levou esse tratamento lógico da linguagem ao seu ápice na obra *Tractatus Logico-Philosophicus (TLP)*. Ele abordou o conhecimento através da linguagem, entendida como imagem do mundo. Essa imagem é estruturada de maneira integralmente lógica e cada um de seus componentes e relações espelham objetos e fatos existentes no mundo (2020, 2.15).

¹⁰ Em meio a diversidade da existência humana, há a constância da capacidade da mente humana em desenvolver a língua e os elementos para a vida civil a partir do meio no qual se vive (por exemplo, ver o céu como uma divindade, o que desperta temor). Essa constância é denominada por Vico de *Providência Divina*. SILVA NETO, S. A. Entre o acaso e o divino: Vico e o conceito de providência divina. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, v. 40, n.1, p.1-9, jan.-abr., 2018.

Esse espelhamento é abordado no decorrer do livro como o responsável pela possibilidade de a linguagem dizer algo acerca do mundo. Ou seja, todos os discursos significativos têm em comum que seus elementos se ordenam da mesma forma que estados presentes no mundo, ou a possíveis estados de coisas. Por exemplo, “está chovendo” é uma proposição significativa à medida que pode demonstrar referenciar um fato do mundo.

Levando isso em consideração, antes de considerar quaisquer preocupações metodológicas no tratamento dos fenômenos, ele toma a linguagem como componente mais elementar. Como assinalado por Luiz Santos (2020, p.15):

Wittgenstein não negaria, por certo, que a viabilidade da constituição de um discurso sobre a realidade está também submetida a condições subjetivas de vinculação das representações humanas ao que há para ser representado. [...] No entanto, se a proposição tem uma forma essencial, sua mera consideração poderia bastar para a determinação do que nenhuma representação proposicional seria capaz de representar.

Pois antes de julgar qual a forma mais ou menos rigorosa de se expressar fatos pensar fenômenos, a linguagem pode nos apontar o que é possível expressar e pensar. Como consequência direta, aquilo apontado como além deste limite não pode levar a conhecimento positivo algum, independentemente do método adotado.

Com efeito, um procedimento importante para revelar a viabilidade de um projeto ou encadeamento argumentativo é o esclarecimento das proposições envolvidas. Esse esclarecimento conta com a ajuda de uma linguagem formal para explicitar os processos de inferência envolvidos, permitindo detectar pressupostos que conferem a argumentos falhos uma aparente capacidade de discutir o tema que propõe. Vemos esse projeto em duas influências fundamentais para a reflexão traçada por Wittgenstein no TLP: Frege e Russell.

No prefácio da *Conceitografia*, Frege (2009a) pontua como a linguagem corrente se mostra um meio inadequado para investigações rigorosas, pois oculta passos da argumentação e facilita a ocorrência de enganos, dada sua falta de precisão. Em função disso, ele defende o uso de uma linguagem formal para esclarecer e formular inferências, conferindo um fundamento sólido às investigações.

E mais adiante, ele pontua uma possível contribuição à filosofia,

Se uma das tarefas da filosofia for romper o domínio da palavra sobre o espírito humano, desvendando os enganos que surgem, quase que inevitavelmente, em decorrência de utilizar a linguagem corrente para expressar as relações entre os conceitos, ao liberar o pensamento dos acréscimos indesejáveis a ele associados pela natureza dos meios linguísticos de expressão, então minha conceitografia, desenvolvida sobretudo para esses

propósitos, poderá ser um valioso instrumento para os filósofos.
(2009a, p.48)

Ora, uma contribuição que Wittgenstein (2020, p.125) declara fazer à filosofia é precisamente libertá-la de enganos decorrentes de uma má compreensão da linguagem. Pois a análise da linguagem faz o investigador recuar para antes da consideração da verdade ou falsidade de um juízo, atentando se o que se busca investigar é, inclusive, incompatível com a verdade ou falsidade.

Ainda segundo as considerações de Frege, existem diversas formas de embasamento das sentenças – dos quais vários podem conduzir a enganos –, algo que precisa ser notado antes de julgar as conclusões que estas buscam afirmar. Em alguns casos, por exemplo, existem sentenças intermediárias ocultas em processos de inferência, em outros, há uma crença subjacente que atua como apoio (FREGE, 2009b, p.144) (e a complexidade aumenta: crenças podem servir de base para outras crenças).

Uma contribuição de Russell (1974, p.9-20) para essa discussão é sua teoria das descrições definidas, formulada para lidar com as dificuldades que envolviam julgar a verdade de algumas sentenças afirmativas. Em um de seus exemplos, ‘o atual rei da França é careca’, demonstra como a aparente estrutura de uma sentença oculta sua verdadeira forma. Pois, se não há um ser que seja ‘o atual rei da França’, esse suposto nome carece de referência, não sendo então, um nome.

Assim, antes de considerar a verdade ou falsidade de uma afirmação sobre o nome, é necessário antes verificar se o sinal que aparece como nome possui referência. Do contrário, se seguimos de maneira precipitada a apreciação da sentença e a considerarmos falsa, isso implica em admitirmos que o objeto inexistente designado por ‘o atual rei da França’ poderia possuir ou não uma propriedade. Em outras palavras, admitimos que um inexistente conjunto poderia conter algum elemento.

Esse breve exemplo ilustra como Wittgenstein enxerga boa parte da produção filosófica e qualquer tentativa de conhecer temas envolvendo a mística, estética e ética: um aglomerado de palavras, uma série de aparentes sinais destituídos de referência. Discutir ética é como discutir a calvície ou não-calvície do inexistente atual rei da França.

Pois, de que modo podemos imaginar uma referência para os elementos do discurso ético? Qual objeto no mundo é figurado por estes sinais? Ao falar de ‘bem’, ‘virtude’, ‘bem-aventurança’, pretenderíamos tratar de pseudo-questões, pois se algo é realmente uma questão, deve existir uma resposta.

Para uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão. *O enigma* não existe. Se uma questão se pode em geral levantar, a ela também se *pode* responder. [...] só pode existir dúvida onde exista uma pergunta; uma pergunta só onde exista uma resposta; e esta só onde algo *possa ser dito*. Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas *possíveis* tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não teriam sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma

questão; e a resposta é precisamente essa. (WITTGENSTEIN, 2020, 6.5-6.52, grifos do autor)

Portanto, as discussões dessa natureza caem nos casos discutidos anteriormente, como uma série de tropeços resultantes de falhas linguísticas: ambiguidades, premissas ocultas, objetos não-existentes, convicções, entre tantas outras. No entanto, apesar do que se poderia pensar em um primeiro momento, alguns comentadores apontam que Wittgenstein não desprezava partes inexatas da vida como a ética, mas julgava estarem fora do espaço lógico.

Reconhecia, inclusive, serem de primeira importância, mas por não poderem ser tratadas dentro da linguagem, deveria se calar sobre elas. Pois podem apenas ser vividas, não ditas. Como apontado por Moreno:

Procurar *fundamentar* o comportamento moral do homem, não apenas é uma tarefa desprovida de sentido, isto é, metafísica, como também, rigorosamente imoral, uma vez que supõe a redução da vida moral aos modelos explicativos científicos dos fatos. (2000, p.35, grifo do autor)

Em consonância com essa afirmação, Grayling (2002, p. 65-66) sugere que “Uma possível explicação para as intenções de Wittgenstein aqui é que ele está procurando proteger as questões de valor contra as intrusões escarnecedoras da ciência”. Pois o domínio das proposições é sobre o que pode ser e o que pode não ser, enquanto aquilo de mais elevado deve ser necessário.

Desse modo, a busca de estabelecer uma fundamentação da ética combina uma dupla transgressão: a do uso significativo da linguagem e outra de ordem ética. Seguindo a primeira transgressão, retomamos a consideração de Frege (2009b, p. 144-147) sobre premissas ocultas e crenças subjacentes (capazes de dar uma aparente sustentação para conclusões) como auxílio para traçar algumas considerações.

Ao tomar certos pressupostos, pode-se chegar a enunciados que aparentam dizer algo e podem ser afirmados. Mas, como se tratam unicamente de construções arbitrárias, não possuem a capacidade de tratar da realidade como pretendem, dessa forma, por mais que pareçam fazer sentido para aqueles que a formularam, são incapazes de dar conta da real diversidade da vida.

A segunda transgressão ocorre pela tentativa de estabelecer com essas sentenças juízos de valor que elas não possuem capacidade de sustentar. Precisamente por não darem conta da diversidade da vida, tais juízos estão mais próximos de uma extrema simplificação dela, forçando-se como um indicativo do sentido da vida: uma falsa promessa de ser resposta ou uma imposição para casos além de seu alcance.

Por conta disso, a atitude ética em relação a essas questões é a ausência de discurso, ação proposta e seguida por Wittgenstein:

Podemos falar, nesse sentido, em um “percurso ético” de Wittgenstein, sucedendo à resolução dos problemas filosóficos; percurso sonoramente anunciado pelo último aforismo do *Tractatus*: “Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”. (MORENO, 2020, p.36)

Relação linguagem-conhecimento em Vico

Por outro lado, Vico também apresenta os elementos da linguagem como ligados aos elementos do mundo, mas a forma de compreender essa correspondência é fundamentalmente diferente. A linguagem não se origina como projeção minuciosa e asséptica do mundo, mas como processo intimamente ligado à experiência humana.

A relação entre linguagem e fatos não se dá da maneira de uma projeção geométrica, na ordem do *verum*. Os fatos atingem o homem primevo, causam dor, espanto, satisfação, e é aos tropeços e saltos que ele gesticula, aponta, sacode, urra, e assim manifesta o fato imprimido (VICO, 2005), a sensibilidade é a porta de entrada para os fatos.

O grau de elaboração da linguagem se forja aos poucos, e a imaginação possui papel essencial nesse processo. Como dito por ele, a forma de expressão poética precede a prosa por necessidade (VICO, 2005, §456-460, p.291-292), uma vez que os primeiros a se expressar pela linguagem precisavam realizar o esforço de estabelecer metáforas para tratar o diverso a partir daquilo que tinham contato. Como assinalado por Nunes (2009, p.100):

O primigênio criaria assim, a fábula sublime, por uma inconsciente criatividade, por si mesmo e em si mesmo, sendo portanto sujeito e objeto de sua criação, dando um significado a sua vivência, e este particular significado por ele fixado e expresso, seria a criação fantástica através da sua passionalidade, ao reagir no confronto com as coisas que o cercam. O mundo nasceria do significado da sua consciência sensível atribuída às coisas, e por isso, as coisas inserem-se na existência humana e tornam-se parte integrante do seu mundo.

E forma mais básica de estabelecer metáforas se apoia no próprio corpo, quando os humanos, por pouco ou nada saberem, comparam o que observam na natureza com partes do corpo (VICO, 2005, § 404-405, p.239-241). Seguindo essa linha de raciocínio, os mitos não se originam com fins de entretenimento, mas como uma forma de tratar de questões da existência humana, estabelecendo paralelos entre ela e o mundo.

Por exemplo, o raio é lançado por um deus irado, pois o raio causa destruição, e a ação humana que causa destruição é frequentemente ligada a ira. O mito é uma forma de compreender o mundo a partir do humano e acaba por servir ao humano como meio de compreensão de si, ao ver neles questões pertinentes para sua vida.

Obviamente, Vico não observou os primórdios da humanidade. Essa investigação ocorreu por meio do método filológico associado à reflexão filosófica:

Vico relaciona esses dois campos do saber para desenvolver suas teses: esta [filosofia] que lhe permite explicitar os argumentos, iluminando os conceitos que se articulam para dar veracidade às suas conclusões e aquela [filologia] que apresenta as provas justificantes de seus questionamentos e investigações. (NUNES, 2009, p.17)

o que o permitiu ir além de características particulares, ao traçar comparações e construir generalidades que abrangeram os mais diversos povos. Tal processo o permitiu partir de semelhanças e, então, inferir o passado primitivo.

Para ele, o desamparo humano e a sobrevivência possuem papel fundamental para o pensar, para a linguagem (VICO, 2005). A expressão surge como forma de lidar com o meio hostil, como ao ter contato com o potencial destrutivo do fogo, grita-se como reação de medo e meio de alertar aos outros o perigo que está próximo.

Nesse ponto temos a presença de uma das necessidades de sobrevivência que levam a formulação da linguagem: a vida em grupo. Existem condições mínimas para a vida civil ser possível, e foi para suprir essas demandas que noções de limite, justo, comunidade etc., começaram a ser formadas, em um processo que primeiro se estende a família, então a tribo, a cidade e ao império.

Entre as necessidades existentes, a primeira foi o pensamento de Deus, pois desamparado em um mundo cheio de adversidades, o homem precisava de algo maior que si e suas tribulações. E, ao passo que o divino fornece conforto, também se inicia o processo de limitação das paixões: em vez de direcionar toda sua capacidade a satisfação de desejos imediatos, ao imaginar algo maior, os humanos passam a considerar limites para sua ação e diferentes modos de empregar suas capacidades:

[...] esses primeiros homens, que foram depois os príncipes das nações gentias, deviam pensar sob fortes impulsos de violentíssimas paixões, que é a forma de pensar dos **animais**. Assim, devemos retroceder a uma metafísica vulgar [...] e, a partir daquela, repetir o pensamento pavoroso de uma qualquer atividade, que deu **norma e medida** às paixões humanas. Desse tal pensamento deve ter seguido o conato, que é próprio da vontade humana, de refrear os motos imprimidos à mente pelo corpo, ou para completamente os aquietar, o que é próprio do homem sábio, ou, pelo menos dar-lhes outra direção para melhores usos, o que é próprio da **vida civil**. (VICO, 2005, §340, p.181)

No processo de transição da vida bestial a vida civil, há a gradual passagem de um egoísmo unilateral para a valorização do grupo. Esse deslocamento é possibilitado através do processo civilizatório¹¹ dos humanos. Isso ocorre através de crenças, fábulas e narrativas que comunicam ensinamentos de maneira compreensível, permitindo assimilação de valores e costumes favoráveis à vida em sociedade.

Ao tratar da relação entre Vico e o paradigma educacional Moderno, Vladimir Santos (2003, p.1283) enfatiza a valorização de Vico do senso comum, à medida que este é responsável pela fundamentação do direito. Esse senso comum é formado por cada povo através de suas narrativas, de modo que Vico não admite a hipótese de povos antigos terem tomado o resultado tardio desse processo – as leis escritas – e às incorporado sem trabalho prévio algum.

Sendo o senso comum algo tão básico, um erro dos estudiosos de seu tempo era dedicarem-se às atividades próprias da razão sem se preocuparem em estabelecer pontes para a sociedade em geral (SANTOS, V. C., 2003). Isso repercutia tanto na falta de habilidade em fazer-se ouvir e entender por ela quanto na formulação de reflexões que não levavam em conta os processos necessários que uma formulação passa para poder atingir resultados.

Em uma fala sobre a relação entre o senso comum e as leis, Vico usa o exemplo do povo grego, que só pode ser alcançado por máximas e leis codificadas por este já estar educado através de fábulas. Pois, é por meio das metáforas dentro dos mitos, da trajetória de personagens, sua ascensão, sua queda, seus erros e acertos que o homem passa a pensar a própria condição.

[...] Esopo foi feito primeiro filósofo moral, da mesma maneira que Sólon foi feito sábio, pois organizou com leis a república ateniense livre. E, porque Esopo deu esses conselhos através de fábulas, tornou possível que Sólon, depois, os desse através de máximas. (VICO, 2003, §426, p.256)

É importante ressaltar que a investigação de Vico não aponta um modelo rígido que todas as sociedades seguiram de forma idêntica. A língua e os costumes se desenvolveram a partir da interação com o meio na qual cada uma sobreviveu, o que é universal é que cada uma se desenvolveu a partir de suas necessidades e condições básicas. E como cada contexto é distinto, as soluções específicas apresentam diferenças.

[...] há que estabelecer aqui esta grande verdade: que, como certamente os povos, pela diversidade dos climas, surgiram com diferentes naturezas, donde surgiram tantos diferentes costumes, assim, das suas diferentes naturezas e costumes nasceram tantas línguas diferentes; de modo que, pela mesma diversidade das suas naturezas, assim como observaram as mesmas utilidades ou

¹¹ Aqui ‘civilizatório’ denota o processo de transição para um modo de vida civil, em comunidade.

necessidades da vida humana com aspectos diversos, donde surgiram tantos costumes das nações, geralmente diferentes e, por vezes, contrários entre si, assim, e não de outro modo, surgiram muitas línguas e tão diferentes quanto eles são. (VICO, 2005, §445, p.280)

Ou seja, a ética não nasce alheia à diversidade da vida, pelo contrário, nasce a partir dela para dar suporte. Logo, à medida que surgem diferenças no viver, na dinâmica da sociedade, as condições de existência são modificadas e, conseqüentemente, outras formas de se pensar a vida e, portanto, a ética, ocorrem naturalmente.

Aproveitamos o exposto até aqui para trazer uma colaboração de Damiani (2018, p. 20-21), que trata de uma particularidade de Vico a respeito da aptidão natural humana para a vida em sociedade. De modo predominante, as visões favoráveis à tal aptidão enfatizam como uma consequência da racionalidade inerente do ser humano, que o conduz ao melhor modelo de vida através de um direito natural. Enquanto isso, opositores céticos rejeitam a noção de uma sociabilidade natural, argumentando que as convenções estabelecidas seguem o princípio do utilitarismo egoísta: a base de todo comportamento social é um fim particular.

Vico se situa fora das duas concepções: sustenta uma sociabilidade natural, mas não a fundamenta em princípios racionais, admite como a utilidade é fundamental para o desenvolvimento da vida civil, mas rejeita que as ações humanas sejam exclusivamente egoístas “Se assim fosse, parece apontar Vico, as instituições se reduziriam a acordos precários e inseguros que não permitiriam a conservação do gênero humano.” (DAMIANI, 2018, p. 23), o fim da vida em sociedade é a sobrevivência da humanidade.

Por mais que sejam estabelecidas através de processos históricos, e, portanto, artificiais, as regras que possibilitam a vida comunitária revelam a relação necessária entre humanidade e sociedade. Pois, fora dessa relação, resta a barbárie:

A natureza do ser humano é sociável porque depende das instituições estabelecidas pelo ser humano. Se essas desaparecem, desaparece também o ser humano e sua diferença com o mundo físico. [...] que a natureza humana é sociável porque só pode conservar-se sob as condições impostas pela vida social e, por outro, que o novo estabelecimento das instituições modifica a natureza dos selvagens e restitui gradualmente as propriedades constitutivas da natureza humana que se haviam perdido no estado selvagem. (DAMIANI, 2018, p. 28-29)

Assim, discursos e reflexões de ordem ética são necessários para o desenvolvimento e manutenção da vida civil. Sem esses elementos, o homem não consegue se tornar humano, e, se passa a negligenciá-los após a instituição da vida em sociedade, passa a ser desumanizado (DAMIANI, 2018, p. 37-38).

Considerando o que discutimos até aqui, Vico se contrapõe a regras universais que pretendam dar conta de toda variedade da vida. Pois isso seria uma tentativa de uso do *verum* para uma questão geneticamente incompatível com ele. Dada tal incompatibilidade, tais tentativas resultariam, inclusive, em simplificações incapazes de dar conta da efetividade da existência humana.

A ordem capaz de atender a necessidade do discurso ético é do *certum*, da verossimilhança. Posto que esta é aberta para considerações a respeito do diverso, permitindo adaptações concomitantes às condições e exigências do meio. Graças a isso, cada sociedade possui um conjunto de formulações que a permite existir, de modo que ela pôde se formar por conta de tal conjunto e para se manter depende da continuidade do exercício de formulações dessa ordem.

Considerações finais

A partir desses termos, realmente é impossível pensar uma resposta definitiva para as questões da vida. Não por ser impossível qualquer pensar sobre ética, mas pelo *verum* ser geneticamente incompatível com ela. Entretanto, ao tomarmos a perspectiva viquiana do *certum*, a ética, além de ser possível enquanto pensamento, é uma necessidade básica.

Tanto Vico quanto Wittgenstein repudiam a tentativa de tratar da ética através do *verum*, e consideram que uma tentativa dessa espécie resultaria em uma simplificação incapaz de dar conta da complexidade da vida. No entanto, como Wittgenstein descarta sentenças fora de uma relação figurativa estrita como possuidoras de conhecimento sobre o mundo, não vê como alternativa uma abordagem ética através de um discurso verossimilhante.

Além disso, por julgar que a ética deveria ser algo universal, tanto relações das ciências naturais – estritas, mas precisas – quanto verossimilhanças – abertas, mas imprecisas – são meios insatisfatórios para o que ele tomava como ética. No caso da verossimilhança, o resultado é sempre uma pseudo-proposição, dado que ele não admite uma figuração parcial. Enquanto que o modelo das ciências naturais, apesar de gerar sentenças significativas para tratar de fatos, ao tratar do domínio do contingente é incapaz de contemplar a universalidade da ética.

Por sua vez, Vico pensa a ética não através de uma concepção universal do que ela deveria ser, para então pensar casos de aplicação efetiva. Mas parte de casos efetivos e, com a ajuda da reflexão, encontra semelhanças em meio a diversidade histórica. A possibilidade de pensar a ética não se dá como mera eventualidade intelectual, nem como produção poética com fins de entretenimento, ela surge através das condições da vida humana, para atender requisitos básicos da vida civil.

Além disso, a fantasia se faz um recurso essencial para todos os processos de pensamento. Nas ciências, ela permite estabelecer paralelos, metáforas, entre as considerações da razão e o mundo. Na ética, ela permite a formulação de discursos que permitem ao homem pensar sobre a própria existência, atribuindo significado ao mundo que o cerca de forma poética e o utilizando como guia. Considerando que esse discurso

nasce a partir das condições de existência, sobrevivência e vida em comunidade, à medida que tais fatores são modificados, novas reflexões de ordem ética fazem-se necessárias.

De fato, tentar solucionar as questões da vida definitivamente implica numa simplificação tremenda da complexidade do viver, e propor tal solução é, em si, um ato antiético. No entanto, enquanto manter silêncio sobre ética a partir do campo do *verum* é um ato ético, eximir-se do discurso verossimilhante é rejeitar uma condição para a existência humana dos homens.

Referências

DESCARTES, R. *O discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DAMIANI, A. M. A noção de sociabilidade natural em Vico. In: *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. (Org.) LOMONACO, F.; GUIDO, H.; SILVA NETO, S. A. Uberlândia: EDUFU, p.19-39, 2018.

FREGE, G. Conceitografia: prefácio. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. ed. 2. São Paulo: EDUSP, p. 43-49, 2009 a.

_____. Sobre sentido e referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. ed. 2. São Paulo: EDUSP, p. 129-158, 2009 b.

GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. São Paulo: LOYOLA, 2002.

MORENO, A. R. *Wittgenstein: os labirintos da linguagem: ensaio introdutório*. ed.1, reimp. 2. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 2000.

NUNES, A. S. C. *A arqueologia da linguagem em Giambattista Vico*. 2009. 164 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2009.

SANTOS, L.H.L. A essência da proposição e a essência do mundo. In: *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 2020, p. 9-105.

SANTOS, V. C. Vico e a ordem de estudos em seu tempo: a ligação entre conhecimento e ética. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1277-1294, dez., 2003.

SILVA NETO, S. A. Entre o acaso e o divino: Vico e o conceito de providência divina. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, v. 40, n.1, p.1-9, jan.-abr., 2018.

VICO, G. *Ciência Nova*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2005.



RUSSEL, B. Da denotação. In: *Os Pensadores*, vol. 42. São Paulo: ABRIL, 1974, p. 9-20.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Ed.3, reimp. 4. São Paulo: EDUSP, 2020.